

**O TEMPO VOA NA POESIA DO *TEMPO DE VOO*
DE BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS**

Cristina Maria Vasques¹

RESUMO: Filósofos e estudiosos buscam, desde a Antiguidade, desvendar o tempo. Mas é o artista mineiro Bartolomeu Campos de Queirós quem melhor consegue expor, em *Tempo de Voo*, com palavras combinadas em poesia, suas multifacetadas características que nos fazem refletir e nos permitem sentir a delicadeza dos sons, cheiros, sabores e matizes que tornam a vida poesia vertida de sua imaginação e conhecimento. *Tempo de Voo* é obra de arte que, de um diálogo entre um homem maduro e uma criança, nos coloca diante das ambiguidades do tempo: abstrato e concreto nas marcas que deixa, vivo em seu incessante mover-se.

PALAVRAS-CHAVES: Bartolomeu Campos de Queirós; literatura infantil; tempo.

ABSTRACT: To decipher time has been a task of philosophers and studios since the Ancient Age. But it is Bartolomeu Campos de Queirós, a Brazilian artist from the State of Minas Gerais, who better exposed, in *Tempo de Voo (Lifetime Flight)*, using words combined into poetry, time's multifaceted characteristics which makes us think and let us feel the suavity of its sounds, smells, flavours and shades that turn life poetry poured from Queirós' imagination and knowledge. *Lifetime Flight* is a piece of art which, from the talk between a man and a child, places us before time's ambiguities: abstraction and concreteness in the traces it leaves, alive in its continuous move.

KEYWORDS: Bartolomeu Campos de Queirós; children's literature; time.

O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.

(Fernando Sabino).

Desde a Antiguidade, filósofos e poetas se debruçam sobre o tempo, a fim de explicá-lo. Mas foi o mineiro Bartolomeu Campos de Queirós – que recentemente nos deixou e foi poetizar a eternidade – quem, em *Tempo de Voo*, unindo palavras em prosa poética coesa, consegue defini-lo em várias de suas facetas. Porém, não é somente o tempo que Queirós

¹ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UNESP – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. cristinavasques@terra.com.br

poetizou: toda a sua obra, seja qual for o tema que aborda, é poesia em forma de prosa colocada em uma linguagem sem rebuscamentos que toca profundamente o leitor:

O que há de invulgar no texto de BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS é uma leveza, uma transparência que não se traduz em superficialidade. Antes, constitui abertura para regiões profundas da comunicação poética. Por isso, sua expressão consegue ser, ao mesmo tempo, simples e densa. Ler o seu texto é envolver-se de imediato com a magia das palavras, é seduzir-se com a beleza e a musicalidade da prosa. (LUCAS, 2011, grifos nossos – online).

O autor de *Tempo de Voo* foi educador, tem mais de quarenta livros publicados no Brasil e no Exterior, já recebeu inúmeros prêmios literários nacionais – foi oito vezes premiado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, três vezes indicado para o Premio “Hans Christian Andersen” sendo duas vezes finalista, em 2008 e 2010. Com *Indez*, outra de suas obras, foi o vencedor do Concurso Internacional de Literatura Infanto-Juvenil – que envolve Brasil, Canadá, Suécia, Dinamarca e Noruega – e com *Minerações*, recebeu o prêmio francês “Quatrième Octogonal”. Em 2008, Queirós recebeu o Prêmio Ibero-Americano de Literatura Infantil e Juvenil, pelo conjunto de sua obra.

Contudo, acreditamos que os maiores premiados sejamos nós, leitores de uma obra extensa – os quase cinquenta títulos publicados –, intensa nas ideias e delicada como a poesia, que nos oferece uma prosa gostosa de viver, cheia de ambiguidades capazes de nos transportar, suavemente, como se estivéssemos diante da infância, à realidade do cotidiano implacável. Essa característica da escrita de Queirós marca toda a sua obra, pois ele “é daqueles que planta palavras com tanto esmero que em tudo que escreve faz brotar maravilhas, encantamento.” (ROSCOE, 2011)

Apesar de ser um autor reconhecido por sua excelência literária no Brasil e em vários países e ainda que suas obras sejam cada vez mais estudadas em universidades, não há muito publicado, em livros, sobre Bartolomeu Campos de Queirós. Desta forma, recorreremos às críticas e comentários publicados por diversos sites, pela internet. Não fosse isso, este trabalho seria inviável por falta de informações.

Dentre as várias publicações do autor, escolhemos *Tempo de Voo* para ilustrar a sensibilidade, a criatividade, as experiências e o conhecimento de Bartolomeu Campos de Queirós. Nessa narrativa, o autor “nos oferece suas próprias asas” (ROSCOE, 2011), nos

proporcionando uma incursão ao tempo e, por meio de seus múltiplos caminhos, uma incursão à vida. A história, publicada em 2007 com ilustrações do conceituado – e premiado – artista espanhol Alfonso Ruano, é um diálogo – comum, corriqueiro, que acontece em todos os tempos e lugares – entre um senhor – já com o rosto marcado pelo tempo – e um menino, e entre esse senhor consigo mesmo e com o leitor (o senhor é o narrador) – agora, menos comum, pois se trata de um exercício de reflexão que quase não encontra espaço na atualidade devido às inúmeras e incessantes mudanças (tecnológicas, principalmente) –, sobre o tempo.

Ao abrimos o livro, já na primeira página, onde deveríamos encontrar apenas o nome da obra, encontramos também uma ilustração. A imagem mostra um céu azul com pequenas nuvens de um branco-azul-lilás que nos dá a impressão de calma, leveza, harmonia e sonho.



Figura 01 (QUEIRÓS, 2009, 1).
Página frontal de Tempo de Voo.

Um pouco adiante, porém, encontramos, junto à dedicatória, uma ilustração nos moldes do surrealismo: como em quadros de Salvador Dali, deparamo-nos com relógios, círculos repletos de detalhes que também remetem a relógios e um olho de rodas, soltando fumaça, que nos dão a ideia de movimento. Para completar, uma frase, colocada como epígrafe da história: “Só existe um tempo: o tempo vivo” (QUEIRÓS, 2009, 5).

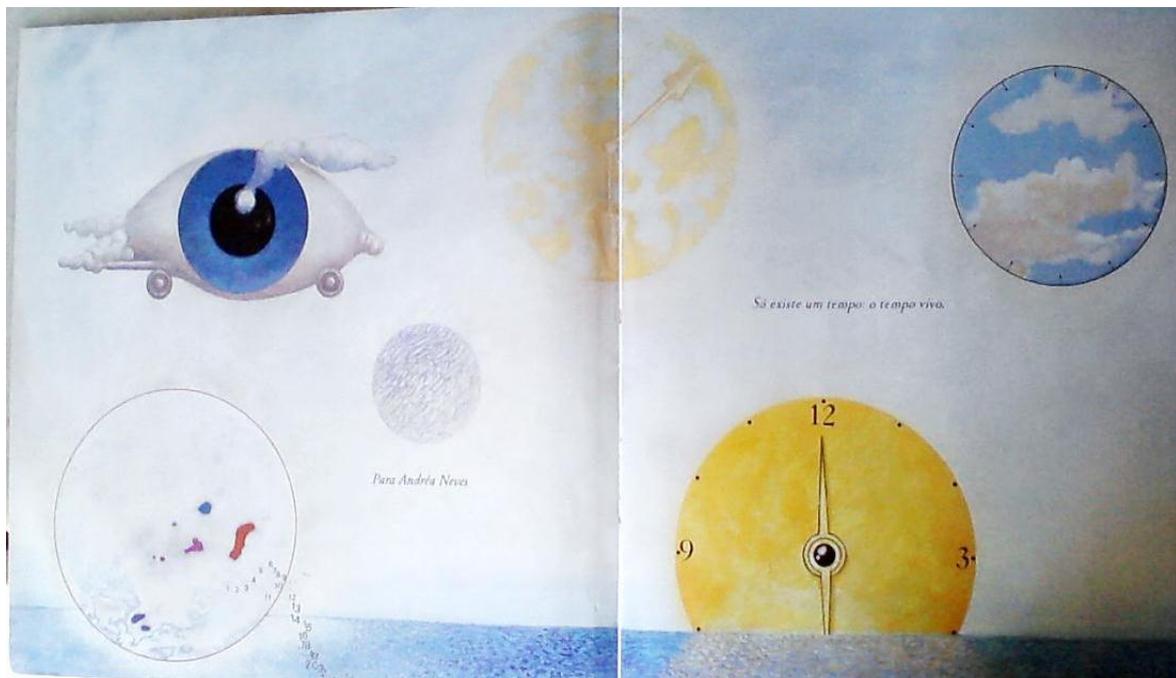


Figura 02 (QUEIRÓS, 2009, 4-5).
Ilustração em estilo surrealista.

A ilustração das páginas 4 e 5 antecipam a complexidade do tema e a epígrafe escolhida pelo autor mineiro o justifica: o tempo, ainda que abstrato, é “vivo”, pois está em constante movimento. Assim, ambigualmente, se concretiza nas horas que passam e nas transformações que provoca. De certa forma, essas páginas iniciais antecipam a pluralidade de sentidos que o tempo suscita e que estarão colocadas no texto.

A conversa dos personagens – e a própria narrativa – tem início com a exclamação do menino: “– Nossa! Você está tão trincadinho!” (QUEIRÓS, 2009, 7). Como não dispomos de quaisquer explicações ou introduções, o leitor está livre para conceber a situação como bem lhe aprouver. Também pode imaginar quem são e qual é a relação entre o homem marcado no rosto pelo tempo e a criança. A despeito de serem “homem” e “menino” na narrativa, nós escolhemos imaginá-los avô e neto, forma que, para nós, reflete melhor a harmonia poética da obra e pela qual passaremos a nos referir aos personagens de *Tempo de Voo*.

Ainda que a narrativa se desenvolva com base no diálogo dos dois personagens, podemos dizer que o protagonista da história é o tempo que, no texto de Queirós,

assume várias formas: ele é invisível, mas tem mãos, barriga, coração e pés de galinha; é ligeiro e intocável, insone e aventureiro, frágil e amedrontador; é fio, é flor, é relógio, é sol; ele faz cócegas, desbota as asas da borboleta, dá

presentes, morde e assopra; e é também amigo e terno, embora tenha seus caprichos (PLURICOM, 2009).

A resposta do avô ao comentário do neto sobre as trincas em seu rosto é precedida de figuras de linguagem que dão forma ao seu pensamento e servem de suporte a imagens oníricas, transportando-nos de imediato a um mundo de sensibilidade e emoções:

Ele me disse isso com o olhar escorrendo espanto. Sua pele me lembrava as águas se o vento dorme: lisa e mansa. Sua mão, cruzada à minha, amarrava um abraço entre a primavera e o inverno. Respirei o ar inteiro para depois dar nome ao meu susto.

– É o tempo, meu menino, é o tempo! (QUEIRÓS, 2009, 7).

O olhar que escorre espanto nos surpreende; a pele como as águas ao dormir do vento nos serena; as mãos que amarram abraços nos emociona e o abraço entre a primavera e o inverno nos traz, branda e inexoravelmente, a certeza da vida que passa e se esvai na frieza dos anos, que nos aproxima do fim. Toda a narrativa-poema de Queirós enreda figuras de linguagem e se dispõe de maneira diferenciada no espaço físico do livro. O conjunto, inclusive as ilustrações, compõe um jogo de percepções do qual o leitor participa, buscando desvendá-las. Texto e figuras se complementam, criando

[...] um mundo fantástico e onírico, onde pontos de interrogação flutuam, uma casa-cérebro inflável destaca-se na paisagem desértica, os personagens se transmutam, um copo d'água gera uma nuvem, entre muitas outras imagens do inconsciente. O tempo, o sonho, a experiência, a ingenuidade, o velho e o novo se amalgamam irremediavelmente provocando no leitor uma sensação de estranhamento permanente. (PLURICOM, 2009).



Figura 03 (QUEIRÓS, 2007, 8-9).
Versos e imagens criam um jogo de percepções.

A figura acima nos mostra duas páginas do livro em que há um diálogo entre avô e neto, disposto, no espaço do papel, em frases que, aparentemente desconectadas, dão ideia física de movimento, mas também temporal, de sucessão. Os desenhos acompanham o arranjo das frases, por vezes, entrecortando-as, como se o tempo estivesse passando por ali, naquele momento, enquanto os dois conversam. Observados individualmente, os desenhos não parecem ter nexos. Se avô e neto conversam sobre o tempo, por que há frutas, ovos, materiais escolares, pássaro e ninho, água, o olho que já apareceu na página 4 e um banco se desfazendo? Só é possível compreendermos o significado das imagens se estivermos participando do jogo proposto por Queirós em sua história, se estivermos “dentro” da história, de modo a perceber que o tempo faz *tudo* passar:

- [...] O tempo não para. Passa ligeiro [...]
- Passa mais depressa que voo de passarinho?
- Muito, muito mais. Passarinho pousa, repousa, dorme, torna a voar e volta ao ninho. O tempo não tem ninho. Ele está sempre acordado, viajando e vigiando tudo. Sabemos que ele existe porque modifica todas as coisas. O tempo troca a roupa do mundo. Ele muda a história, desvia águas, come estrelas, mastiga reinos, amadurece frutos, apodrece sementes. Nada fica fora do tempo. Moramos dentro dele e impedidos de abraçá-lo. O tempo foge para não ser amado. Quem ama para e fica. O tempo foge.” (QUEIRÓS, 2009, 8-9).

Fugindo ou passando, o tempo abordado pelo autor mineiro também nos leva à reflexão “não apenas sobre a passagem do tempo, como também sobre a infância e o envelhecimento, sobre a memória e os sonhos, sobre a fantasia e a realidade, sobre a vida e a morte” (PLURICOM, 2009).

Na história de Queirós, o tempo que marca a infância do menino e a velhice do avô, a curiosidade e as memórias, a fantasia e a realidade, marca também o diálogo entre os dois, avô e neto, que continua: “– Se o tempo come tudo, deve ter uma barriga imensa. // – [...] Ela é mesmo vasta, Guarda até onde o olhar alcança e mais o depois da fantasia.” (QUEIRÓS, 2009, 10):

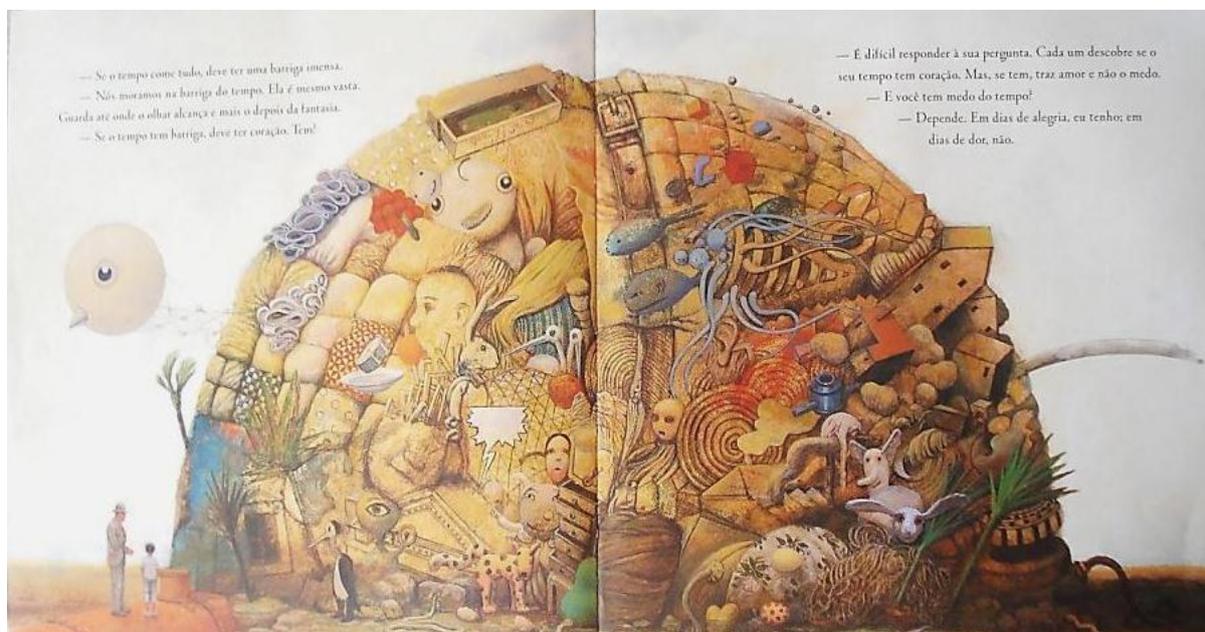


Figura 04

(QUEIRÓS, 2009, 10-11).

O tempo, na imaginação do menino da história: cabeça semelhante à de um pássaro, cauda e uma barriga imensa, contendo tudo e todos, real e imaginação.

Em seu discurso sobre o tempo, o avô propõe, por meio das figuras de linguagem poeticamente empregadas pelo autor, algumas questões que podemos chamar de *filosóficas*. Quando inquirido sobre o medo do tempo, o avô responde: “– [...] Em dias de alegria, eu tenho; em dias de dor, não.” (QUEIRÓS, 2007, 11). Por que ter medo do tempo em dias de alegria, e não tê-lo em dias de dor? Talvez porque os dias de alegria deveriam durar mais, mas o tempo, em sua cadência constante, faz com que eles passem. E nos dias de dor, o tempo

deveria ser breve para abreviar o sofrimento, mas tem a mesma velocidade cadenciada que nos permite sofrer.

Nas páginas seguintes, há uma discussão sobre as características tempo:

- [...] O tempo vê até depois do nada. Ele é um fio inteiro [...] sem começo ou fim. [...] Impossível encontrar o início do tempo. [...]
- E se eu me esconder no burquinho onde a formiga mora, bem escondidinho, o tempo me amarra com seu fio?
- Amarra sim. Ele conhece as formigas, as lesmas as pedras. Sabe do Ocidente e do Oriente, do Norte e do Sul.
- E se eu fugir para viver mergulhado com os peixes [...] ele me acha?
- Até lá! O tempo conhece todos os esconderijos das águas, dos céus e dos ventos.
- E se eu for morar no coração da abelha? [...]
- [...] ele sabe de você e o visita a cada instante. [...]
- E se eu me transformar numa cor da asa da borboleta?
- O tempo vai desbotá-la. (QUEIRÓS, 2009, 12-15).

Esse diálogo atribui ao tempo as mesmas propriedades que a Bíblia atribui a Deus: onipresença, onipotência, onisciência e eternidade. Esse tempo-deus que “faz nascer as flores [e] é capaz de murchá-las” (QUEIRÓS, 2009, 16), que “pisa manso e acaricia [e] outro dia, pisa forte e deixa rasto mais fundo” (QUEIRÓS, 2009, 18), nos remete também, por meio dessas frases, à música “Viola Enluarada”:

A mão que toca um violão
Se for preciso faz a guerra, [...]
A voz que canta uma canção
Se for preciso canta um hino, [...]
O mesmo pé que dança um samba
Se preciso vai à luta (VALLE, 2001).

Trata-se de um tempo, portanto, que não somente passa inexorável, mas que nos permite o relacionamento com o passado, simbolizado pela intertextualidade – com a Bíblia e com a canção – colocada no texto de Queirós. Porém, a relação entre *Tempo de Voo* e outros textos acontece também quando o menino pergunta se o avô já viu assombração e este lhe responde: “– E muitas. Conheci uma que tinha boca e não falava, tinha olhos e não via, tinha ouvidos e não escutava, tinha mãos e não abraçava, tinha pés e não dançava. (QUEIRÓS, 2009, 28). Essa assombração de que o avô fala nos remete às adivinhas, gênero do folclore no qual “vamos encontrar o mecanismo da formação das idéias e dos conceitos formulados por

analogia, antinomia ou assimilação, evidenciando o formidável poder de descrição ou definição que possui o nosso povo”. (CASCUDO, 1952, 63).

Afirma o folclorista Câmara Cascudo (1952, 66) que as configurações mais antigas dessa adivinha encontram-se documentadas na obra *Poranduba Catarinense*, escrita pelo Comandante Boiteux, a exemplo da que se segue:

Tem barba e não é bode;
tem dentes e não morde
[ou]
“Tem dente, mas não tem bôca,
tem barba, mas não tem queixo.”

A resposta, para ambas, é “alho”.

Tempo de Voo nos permite, também, o relacionamento com o presente – momento – “relâmpago [...] breve como o susto” (QUEIRÓS, 2009, 20) –, e com o futuro, em forma de esperança ambígua:

– Ele é bom e amigo, ou só envelhece o mundo?
– Muito, muito bom. Mistura fortaleza e doçura. Ele nos promete o dia seguinte. Esperar o amanhã faz o hoje ficar esperançoso. O coração fica ocupado só com fantasias. Fantasiar é reinventar o depois. (QUEIRÓS, 2009, 18).

É ambígua a esperança porque, ainda que o tempo nos prometa o dia seguinte, não nos garante que ele seja bom. Assim, o tempo garante somente a imaginação, que nos permite criar e recriar o que ainda não aconteceu. E dando-nos a garantia da imaginação, autoriza-nos a criar e recriar histórias.

No diálogo que estamos analisando, o neto volta a perguntar sobre os trincadinhos no rosto do avô, que os explica como “carinhos que ele [o tempo] nos faz” (QUEIRÓS, 2009, 22) e dá nome às ruguinhas nos cantos dos olhos:

– São os pés-de-galinha.
– Você deixou a galinha ciscar no seu rosto?
– Não. É jeito de falar. As galinhas andam sobre a terra deixando marquinhas iguais às do meu rosto. Elas têm dedos finos, unhas longas e desenham risquinhos no chão.
– A galinha unhou você? É por isso que seus olhos estão pequenininhos? Parecem dois risquinhos. (QUEIRÓS, 2009, 26).

Suave como só a poesia pode ser, a narrativa de Queirós também institui um ambiente de humor, deflagrado aqui por uma figura de linguagem – a catacrese – que, implicitamente,

aponta para a inexperiência de vida da personagem-criança que só conhece o significado literal de “pés-de-galinha”. O Humor também é encontrado no comentário do menino sobre a assombração vista pelo avô: “– Muito sem graça a sua assombração. Desse tipo eu também conheço. Meu pai viu e disse que se chama homem de negócios.” (QUEIRÓS, 2009, 28). E por achar sem graça a assombração do avô, pede: “– Ah! Conta uma história de assombração, cheia de terror. [...] Eu quero uma assombração que venha do outro mundo” (QUEIRÓS, 2009, 28). Então o avô, personagem e narrador da história de Queirós, assume o papel de autor e escreve, na brisa da manhã e na mente do menino, “uma história de assombração”.

O fato de o menino da narrativa de Queirós pedir uma história “cheia de terror” pode estar relacionado, na ficção em que trabalhamos, dentre outras possibilidades, às inquietações que as qualidades contraditórias do tempo provocaram em sua mente infantil. Sob o enfoque de um adulto, a história de assombração narrada pelo avô nem é de terror. No entanto, é inquietante – do ponto de vista literário, pode ser considerada uma narrativa fantástica, em que irrompem elementos sobrenaturais, causando certo desconforto.

O conto do avô nos dá a sensação de que estamos diante de alguém que abre um livro e lê histórias – sonhos depositados em seu interior. Isso nos remete à não-realidade da ficção, ao fazer do autor que sonha um possível e imprime esse sonho em palavras, em tinta no papel. Quem lê os sonhos-histórias, “vira”, no momento da leitura, nos sonhos do autor. Mas ao terminar a leitura, voltamos todos a ser o que somos, embora o sonho do autor permaneça em nossas mentes, provocando “um breve sorriso na boca” (QUEIRÓS, 2009, 33). A criança, no entanto, por certo período, vive uma realidade de sonhos, de fantasia. Por isso, conversa com os brinquedos e com a natureza, como se todos fossem seres vivos, semelhantes a ela:

[...] un período en que el sueño y la realidad, o más bien, en el que la ficción y la realidad, tienden a confundirse, y eso sucede cuando su impulso imaginativo desborda todo limite y la tendencia a la ilusión se manifiesta fuera del juego, invadiendo la vida real [...]

Como el niño “carece de recuerdo ricos e ordenados porque carece precisamente de una vida social capaz de imponerles un orden”, tiene que enriquecer con su fabulación la novela de su vida, que es su existencia entera, especie de novela por medio de relatos despreocupados y confusos que sirven de pretextos para de este modo ir situando sus recuerdo. (JESUALDO, 1955, 110-113).

Por isso, a criança da história do avô, que sabe “que viver é um sonho”, é feliz. Mas o menino da história de Queirós ficou pensativo, deixando transparecer “certo medo rondando seu coração” (QUEIRÓS, 2009, 36) – medo de crescer e deixar de viver os sonhos, possivelmente – e o avô, sentindo-se “culpado pela história absurda que tinha inventado”. Contudo, afirmou o avô em pensamento, “trazer de volta uma história contada fica inviável” (QUEIRÓS, 2009, 36). Ora, é inviável “desescrever” uma história contada em livro – e isso pode relacionar-se com um possível arrependimento do autor, um desejo de ter feito diferente ou de não ter feito – ou “desviver” o que vivemos, uma vez que nossas vidas podem ser consideradas narrativas de nós mesmos e o que está contado – vivido, escrito e impresso no livro de nossas vidas – não pode ser anulado ou modificado, embora muitos de nós o desejemos.

Assim, quando “o sol [já] diminuía o tamanho das sombras [e as mostrava] em seu tamanho real” (QUEIRÓS, 2009, 38), o neto rumou para a escola e o avô permaneceu em poética reflexão: “Voltei para o antes. Carregava comigo minha antiga infância. [...] Meu coração [...] se agitava, festivo, ao supor que o tempo é um saboroso presente” (QUEIRÓS, 2009, 47).

E a obra de Queirós se encerra, mas desperta em nós as emoções da infância, tramadas pelo jogo linguístico elaborado poeticamente pelo autor, rematado pelas ilustrações. Ainda que considerada uma história para crianças e jovens, *Tempo de Voo* é capaz de tocar corações e mentes de leitores de qualquer idade, porque “o mundo não [está] dividido em dois, um para as pessoas grandes, outro para os miúdos. As emoções [são] de todos” (QUEIRÓS, 1988, 10). Assim como o tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASCUDO, Luís da Câmara. Literatura Oral. In: LINS, Álvaro (Direção). *História da Literatura Brasileira*. v. 6. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1952.

JESUALDO. *La literatura infantil: ensayo sobre ética, estética y psicopedagogia de la literatura infantil*. 2. ed. Buenos Aires: Editorial Losada, 1955.

LUCAS, Fábio. Bartolomeu Campos de Queirós – escritor. In: *Caleidoscópio portal cultural: artistas*. Belo Horizonte. Disponível em:

<http://www.caleidoscopio.art.br/bartolomeucamposdequeiros/index.htm>. Acesso em: 02 ago. 2011. Não paginado.

PLURICOM COMUNICAÇÃO INTEGRADA. *Em texto filosófico e poético, Bartolomeu Campos de Queirós reflete sobre a passagem do tempo*. 20 mai. 2009. Disponível em: <http://www.pluricom.com.br/clientes/grupo-sm/noticias/2009/05/em-ping-pong-filosofico-e-poetico-bartolomeu>. Acesso em: 02 ago. 2011. Não paginado.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Indez*. Capa de Márcio Sampaio. Belo Horizonte: Miguilim, 1988.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Tempo de Voo*. Ilustrações de Alfonso Ruano. São Paulo: Comboio de Corda, 2009.

ROSCOE, Alessandra Pontes. Tempo de Vôo. In: *Biblioteca Nacional de Brasília*. Disponível em: <http://www.bnb.df.gov.br/index.php/produtos-e-servicos-para-voce/bnb-infantil/item/364-tempo-de-voo>>. Acesso em 13 set. 2011. Não paginado.

VALLE, Marcos. Viola enluarada. Letra de Paulo Sérgio Valle. In: TERRA. *Letras.mus.br*. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/marcos-valle/181016/>>. Acesso em 01 ago. 2011. Não paginado.